

NICOLAU DE ORTA REBELO
NA SENDA DAS CIVILIZAÇÕES PRÉ-CLÁSSICAS
(1606-1607)

por
JOSÉ NUNES CARREIRA

Com catorze anos de Índia e três de «Cavaleiro da Casa Real», Nicolau de Orta Rebelo fazia as malas para Lisboa em Dezembro de 1605¹. De peito feito para a longa viagem marítima, seguiu até a alturas de Madagáscar sem sobressaltos de maior. Aí as coisas complicaram-se. Numa noite de tempestade, encalhou a nau em que se metera. Uma vez liberta do baixio, lá se dirigiu, muito arrombada, para Mombaça, onde o capitão se recusou a prosseguir a viagem programada. Orta Rebelo, com vivos desejos de alcançar a pátria, não quis esperar por nova oportunidade de embarque. Com mais vinte companheiros, entre os quais Frei Gaspar de São Bernardino, resolveu trocar as ondas do Índico e do Atlântico pelas montanhas da Pérsia e pelos areais desérticos da Mesopotâmia e da Síria. Na rota e na companhia das caravanas, demandou

¹ Nascido em Santo António do Tojal, termo da cidade de Lisboa, foi baptizado a 3 de Dezembro de 1570. Nicolau de Orta Rebelo trocou a aldeia natal pela corte aos dezasseis anos; partiu para a Índia em 1591 e aí recebeu o título de «cavaleiro» (1602). Cf. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *Un voyageur portugais en Perse au début du XVII^e siècle: Nicolau de Orta Rebelo*, Lisbonne, 1972, p. 33.

o Mediterrâneo, saudado à vista com uma «alegria» comovida, a lembrar a dos Dez Mil na orla do mar Negro:

«de hũa Serra alta comecei a descobrir o mar mediterraneo, onde vi andar bordeando duas, ou três Naos, que foi hũa alegria para mim a mayor da vida, pelos desejos que trazia de me ver Livre de Turquia e embarcado em hũa Nao para a christandade»².

Assim descreve o viajante seiscentista a sua aproximação de Alexandreta. Para trás ficava um longo e penoso itinerário: viagem em embarcações de recurso até Sacatorá e Ormuz, jornadas longas e perigosas pelos caminhos da Pérsia e da Mesopotâmia. Restava-lhe a travessia do Mediterrâneo até Marselha e a rota terrestre até Lisboa.

Sem os embaraços protocolares (os as intenções veladas) de António Tenreiro, Orta Rebelo tomou o caminho mais directo: Lara (Lar)-Jaram (Jahrom)-Xirás (Shiraz)-Romus (Ramhor-moz?)-Oeza (Ahwas)-Sença-Babilónia (Bagdad)-Ana-Teibe-Alepo-Alexandreta-Chipre-Rodes-Marselha. E deixou-nos uma viva e pitoresca *Relação de Jornada*, indicando datas de chegada e partida à maior parte das localidades da rota, anotando explícita ou implicitamente a duração da estadia: cinco dias em Lara (4 a 9 de Setembro de 1606), mais de uma semana em Xirás

² N. DE ORTA REBELO, *Relação da Jornada que fez ...*, fl. 115, em J. VERÍSSIMO SERRÃO, o. c., p. 206. Sigo esta edição da *Relação da Jornada*, acrescentando sempre a página do livro impresso, entre colchetes, à numeração das folhas do manuscrito.

Conhecida desde 1745, a *Relação da Jornada que fez Nicolau Dorta Rebelo*, que já tinha mais de cem anos, esperou ainda dois séculos até ver a luz da impressão. J. Veríssimo Serrão não pretendeu fazer uma edição crítica, (nem sequer consegui averiguar qual dos três manuscritos existentes e conhecidos — BNL, Ms 326, Ms 340 e outro da propriedade do comandante Humberto Leitão — é reproduzido na edição de 1972) e menos ainda uma comparação exaustiva entre os relatos de Frei Gaspar de S. Bernardino e de Nicolau de Orta Rebelo, «ce quis nous aurait mené trop loin» (*ibid.*, p. 100). O Ms 328 da p. 43 será o Ms 326 da p. 31? Cf. *ibid.*, pp. 30, 31, 32, 38 n. 5, 43.

(19 a 30 de Setembro), seis dias em Ahwas (20 a 26 de Outubro), dezoito em Bagdad (11 a 29 de Novembro), quase dois meses em Alepo (16 de Janeiro a 13 de Março de 1607), onde celebra o «dia de N. Sr.^a das Candeas do anno de 1607»³.

Sete longos meses⁴ se demorou Nicolau de Orta Rebelo no Oriente Próximo, trilhando vias que tinham sido de exércitos conquistadores, vendo paisagens outrora pontilhadas de cidades opulentas e monumentos grandiosos, respirando odores vagos de civilizações desaparecidas há milénios. Que ecos terá captado o modesto soldado-funcionário dessas grandezas remotas, mal perceptíveis em nebulosas evocações lendárias e ruínas materiais esparsas? O apetrechamento cultural não devia ser famoso, embora dê aqui e além um ar da sua graça. Orta Rebelo está medianamente informado de viajantes que o precederam em terras do Oriente⁵. Conhece vagamente as «Histórias de Homero, Alexandre, e de Dario, e outras Histórias antigas dignas de memória»⁶, que ainda se liam em Ormuz. Inte-

³ N. DE ORTA REBELO, *o. c.*, fl. 101v [192]. Dir-se-ia que o cavaleiro tomou o gosto à aventura da viagem por terra ou à Índia, ou a ambas as coisas. Facto é que, poucos meses volvidos sobre a chegada a Lisboa (Abril de 1607), parte novamente para a Índia por terra (Novembro de 1607), chegando ao destino a 20 de Abril de 1608. Obtém de Filipe III o cargo de «escrivão pequeno» ou «lingoa dalfandega de Goa», ou seja, intérprete. Em 1624, instala-se em Diu como «juiz da alfandega»; mas em 1629 está outra vez em Goa como tesoureiro do Senado. Adere em 1640 à causa de D. João IV, que o nomeia «juiz da alfandega de Goa». Não se ouve falar mais dele a partir de 1645. Cf. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, pp. 33-37.

⁴ Entre a chegada à Pérsia (Comorão, 7 de Agosto de 1606) e o embarque para a Europa (Alexandreta, 27 de Março de 1607).

⁵ Cita Frei Pantaleão de Aveiro a propósito de um assalto de ladrões: «Estes são os ladrões de que se queixa Frei Pantaleão no seu Itinerário ...» (fl. 81 [168]). No que toca às lanças de bambú usadas no deserto, são erradas as informações de um «Itinerario Castelhana que trata da Persia» (fl. 94 [182]), ao qual se poderiam fazer mais reparos: «Outras muytas cousas pudera aqui contrariar, das que elle diz, mas parece me melhor passalas em Silencio, por não descobrir faltas alheas» (fl. 94 [182-184]). Não se refere é a Frei Gaspar de S. Bernardino, que plagia em largos traços.

⁶ fl. 24v [94].

ressa-se por minúcias etimológicas: os larins, «dinheiro tão corrente assim nas Índias como em o Reyno Persiano», «tomarão nome» da cidade de Lara ⁷; Xirás, como explicará ao falar das ruínas de Persépolis, deve o nome ao imperador Ciro (Xiro) ⁸.

I

Ao futuro «lingoa da alfandega de Goa» ⁹ não escapam os fenómenos linguísticos que se lhe deparam pelo caminho. A começar pela internacionalização do Português como língua franca das rotas marítimas da África e da Índia. Em Madagáscar dá com um «Mouro da terra, que sabia bem fallar Portuguez» e exulta, entre admirado e orgulhoso: «muyto nos alegamos por termos achado em partes tão remotas quem soubesse fallar também a nossa Lingoagem Portuguez ...» ¹⁰. Em Sacatorá, «da banda do Ocidente, todos quazi sabem fallar a nossa lingoa» ¹¹. Em Xirás, encontra «alguns Judeos e muytos delles fallavam Espanhol, entre os quaes havia hum Judeo velho, que fallava muyto bem Portug. ...» ¹².

Das línguas europeias é-lhe familiar o italiano, outra língua franca, esta da Ásia Anterior. Ao cruzar com um francês em

⁷ fl. 31 [106]: «Lara foi hũa das nobres, e ricas cidades da Persia, donde os larins, dinheiro tão corrente assim nas Indias como em o Reyno Persiano, tomarão nome, e não como alguns querem dizer ... porque como vulgarmente se diz, que de Lara sahirão os primeiros Larins, por ser ella a primeira. onde se baterão ...».

⁸ fl. 34v [110]. Resta saber em que medida tal erudição supõe cultura e interesse próprios e quanto é plágio de Frei Gaspar de S. Bernardino. O estudo da dependência está por fazer, mas não há dúvida de que Orta Rebelo bebeu largamente do frade menor; cf. J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, pp. 40-43.

⁹ Nomeado por carta de Filipe III de Espanha em 17 de Março de 1613 (ANTT, *Chancelaria de Filipe II*, Doações, liv. 32, fol. 60v, cit. em J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, p. 55).

¹⁰ fl. 7-8 [66].

¹¹ fl. 19 [84].

¹² fl. 40v [116-118].

Alepo (descobriu a nacionalidade do homem pelo chapéu, «porque naquelles mesmos trajos tinha visto na cidade de Lisboa muytos»), saudou-o em «lingoa Italiana, que he muito ordinaria em Turquia ...»¹³.

Nicolau de Orta Rebelo saberia o árabe, na opinião de J. Veríssimo Serrão. O que não me parece tão óbvio. Não tanto pelas alusões a um intérprete, o «lingoa»¹⁴, necessário de qualquer modo na Pérsia¹⁵ e com um interlocutor turco que por hipótese não estivesse familiarizado com o linguajar da província¹⁶. Custa é a compreender que um senhor da matéria nunca reproduza correctamente o nome do profeta Ali¹⁷, chame ao rio Diyala, o grande afluente oriental do Tigre, «Rio de Alá»¹⁸, como se o nome tivesse alguma coisa a ver com Alá ou o «Di» fosse português, e translitere e traduza tão estranhamente «PangaLe» por «Mande Alec» (mão de Alec)¹⁹.

Em hebraico, grego e latim Orta Rebelo não vai além de uns flocos litúrgicos, como se vê pela descrição de umas vésperas ortodoxas a que assistiu em Alexandreta:

«... com Serem em grego lhe entendi alleluya alleluya e outras vezes amen, e Kyrieieleison, Kyrieieleison ... e os meninos no cabo das vespuras cantarão ambos entoadas hũa

¹³ fl. 98-98v [188].

¹⁴ Notadas por J. VERÍSSIMO SERRÃO, *o. c.*, p. 55 n. 4 e descontadas com a existência de dialectos locais.

¹⁵ fl. 56 [136], região de Ahwas.

¹⁶ fl. 79v [166].

¹⁷ Quase sempre «Alec» e por vezes «Alce». Mais aberrante é ainda a tradução francesa de Simone Biberfeld junta à edição de J. Veríssimo Serrão, a qual transforma o profeta em «Allah». Talvez se compreendesse, com a benevolência ou ignorância de um cristão, um «sacrifice au maudit Allah» (f. 32 [107]), ou uma «loi d'Allah» (fl. 34 [109]), engolindo a custo o «maldito» aplicado ao Deus muçulmano, que é o cristão com outro nome. Mas como falar no «corps du maudit Allah neveu de Mahomet» (fl. 80v [167]) e no «tombeau d'Allah» (fl. 78v [165])?!

¹⁸ fl. 67v [152], duas vezes.

¹⁹ fl. 76-76v [152].

oração, a qual hum Francez que comigo estava, me disse que era o Pater noster, por ser bom Latino, e o aprender nesta lingua Sendo moço nas Escolas»²⁰.

Curiosa identificação! Alleluya e amen, hebraicos de nação, entendem-se por serem as vésperas em grego (conhecia-os era da liturgia latina!); o francês percebe que os dois meninos entoam o Pater noster, obviamente em grego, «por ser bom Latino» ... Línguas clássicas e hebraico estão claramente ausentes da bagagem cultural do viajante.

O grande pressuposto cultural de Orta Rebelo era a sua fé cristã e católica, que não perde ocasião de afirmar, seja a propósito de usos e práticas religiosas muçulmanas, seja em encontros esporádicos com judeus e ortodoxos, seja em busca de lugares e realidades atestados nos Livros Santos. Palpa-se a repulsa pelas crenças islâmicas, que provocam abundante emprego de um adjectivo forte como «maldito», em contraste com as alusões à «nossa santa fé»²¹. É o «maldito Alec», a quem se oferece o sacrifício de trezentos portugueses mortos em combate²², o «maldito Alcorão»²³ de Lara, o «maldito enterado fora da Mesquita» da mesma cidade, muito venerado dos mouros²⁴, a «maldita seita»²⁵, o «maldito Mafamede»²⁶ em cuja honra os muçulmanos de Ormuz guardam as sextas-feiras. Só uma vez se desenha certo respeito mútuo ou coexistência pacífica das duas crenças: na visita ao rei de Melinde, que se chama Soltão Mafamede, «o qual me recebeo com mostras de calor e amizade»²⁷. No conjunto, domina a reserva e a

²⁰ fl. 117v-118 [208].

²¹ «(Nossa) Santa fé»: fls. 19 [84], 30 [104], 32v [106].

²² fl. 32 [106]. «O sepulchro deste maldito está nove legoas da Cidade (de Bagdad)», fl. 76 [160].

²³ fl. 32v [106].

²⁴ fl. 33v [108].

²⁵ fl. 56v [136].

²⁶ fl. 22v [92].

²⁷ fl. 13 [74].

repulsa, que sobem ao auge na descrição das peregrinações ao túmulo de Ali:

«Topamos neste caminho (saída de Bagdad) com muita gente q̃ vinha em Romagem do Sepulcro de Alce; o qual esta nove Legoas de Babilonia, e os mais destes Romeiros erão Persios, e quazi a mayor parte delles tinhão vindo em nossa Companhia da Persia ate Babilonia, Caminhando duzentas Legoas por terra, e os mais delles a pé, por vir visitar, e ter Suas novenas a Sepultura de hum maldito, que segundo nossa St^a fee, esta hoje Sepultado com seu tio Mafamede nas profundezas infernais»²⁸.

Os Judeus são relativamente mais bem tratados. Não passam de «contumazes»²⁹. O judeu que encontra em Alepo é apenas «mal aventurado»³⁰. Orta Rebelo não entende como possa este homem ter tamanha fé na eficácia de uma peregrinação a Jerusalém para o «arrependimento das culpas passadas» e continuar a «viver na Ley de Moisés, tão reprovada do Filho de Deos»³¹.

Esse judeu, de passagem por Alepo e com a casa na Galileia, era português e tinha «muytos dezejos de vir a Lisboa», mas temia-se do Santo Offício. Orta Rebelo aproveita a resposta para defender a Inquisição e aconselhar o interlocutor praticamente a converter-se:

«ao q̃ eu lhe respondia, que me parecia muyto bem tal propozito, mas que havia de Ser com a condição de Seu motto proprio Se havia de ir accuzar ao Santo Officio, o qual uzava branda, e piedozamente com os que tal fazião; e que assim poderia viver na sua patria, que elle tanto dezejava»³².

²⁸ fl. 78v [164].

²⁹ fl. 38 [112].

³⁰ fl. 110 [200].

³¹ fl. 109v-100 [200].

³² fl. 110 [200].

Estende o proselitismo aos gregos ortodoxos. Foi em Alexandreta, ao visitar uma igreja ortodoxa juntamente com dois franciscanos. Logo perguntam ao cura «porq̃ nam obedecião ao Papa». O grego é que «mostrou pouco gosto de os ouvir, dizendo lhe que também Constantinopla tinha Seu Patriarcha e com estas palavras nos Sahimos para fora, por não irem altercando mais rezoens de parte a parte»³³.

II

Tão escassos e quiçá distorcidos pressupostos culturais não impedem o viajante de abrir os olhos e a atenção a realidades importantes das civilizações pré-clássicas. Ele são os rios, não só os grandes cursos de água atestados na Bíblia (Tigre e Eufrates), mas também os menos conhecidos Gupão e Caronte (Kārūn), «aonde se divide a Persia da Arabia»³⁴, o Carea (Kerha)³⁵, o «Rio de Alá» (Diyala), a duas léguas de Babilónia (Bagdad)³⁶. É a realidade estranha do deserto, esse «tão comprido dezerto» da Palestina³⁷, «da Palestina ou de Damasco como os naturais lhe chamão, mas verdadeiramente he Arabia dezerta»³⁸. É a realidade social e humana da vida beduína, de que se dá até o nome³⁹. Com mais propriedade o aplicaria aos habitantes dos lugares inóspitos «onde não ha mais que area, e ceo, que como ja disse, nem passaros pelo ar, nem formigas pela terra Se achão nelle»⁴⁰. Quem diria

³³ fl. 117v [208].

³⁴ fl. 57 [138].

³⁵ fl. 58v [140].

³⁶ fl. 67v [152].

³⁷ fl. 78 [164]; cf. fl. 81 [168].

³⁸ fl. 84 [172].

³⁹ Na Pérsia, entre Enchequi e Bondegom, «encontramos grande caterva de Beduins que são como sigamos (sic) na nossa terra, que se hão de hús partes para outras ...» (fl. 50v-51 [130]).

⁴⁰ fl. 89v [176].

que aí pode viver gente, como os beduínos «que não tem mais caza que hũa tenda de Lãa, que fazem de suas cabras, com que See defendem das grandes chuvas do frio do inverno, e das calmas do veram»⁴¹, praticando a transumância: «estes vivem por suas campinas, conforme lhe Limitão os tempos dos annos. O Verão para o Rio Eufirates por cauza das agoas, e o Inverno para algũas partes incognitas do dezerto»⁴². Estranha vida errante e estranha alimentação:

«Estes não Se Sustentão mais, que com leyte de gado, que crião, e de alguma caça de Lebres, e gazellas, que de longo do Rio Eufrates tomão: porque Se ha de entender, que So do Longo delle pode haver couzas vivas por cauza das agoas. E assim quando Se ouvir fallar em cazas ou gado do dezerto, he So do Longo do Rio, ou na outra parte da banda da Palestina ...»⁴³.

Nos mesmos cenários geográficos, com um recuo de milénios, tinham-se erguido as civilizações pré-clássicas. Orta Rebelo não o ignora. A informação é que não abunda. O grande e único «guia de viagem» ao passado é o Antigo Testamento, como o seu Tobias é modelo: que Deus o acompanhe pela Ásia fora e lhe dê «tão largos e felices caminhos ... como a seu mimozo Tobias»⁴⁴, recordado ainda junto ao Tigre⁴⁵. O Antigo Testamento baila na mente e aflora à pena quando em Jaram «achamos tal repouzo, qual os Israelitas em terra da Promissão»⁴⁶ e em Madagáscar, mal refeito do desastre,

⁴¹ *Ibid.*

⁴² fl. 89-89v [176].

⁴³ fl. 89v [176].

⁴⁴ fl. 27 [98].

⁴⁵ Os peixes deste rio, «tão grandes alguns delles como carneiros», lembraram-lhe que «não sem cauza o Santo Tobias Se queixava ao Anjo de hum delles o querer tragar» (fl. 75 [160]).

⁴⁶ fl. 36v [112].

acha os frutos semelhantes aos de Portugal, «salvo que no saber lhe paixão emtanto, quanto ao Mana do Dezerto aos filhos de Israel»⁴⁷.

Muitas são as ruínas que se relacionam com o Antigo Testamento: «huns vestígios e ruínas antigas», perto de Bagdad, dizem-lhe, eram «o lago donde lançarão aos Leons ao Profetas (sic) Daniel»⁴⁸; na mesquita de Alepo «esta hũa pedra debaixo daqual dizem, que esteve escondido o profeta Zacarias»⁴⁹.

Ei-lo chegado, quase lírico de emoção, às «terras de Mesopotâmia Patria da fermoza Rachel da outra parte do Tygris, e desta parte donde nos estavamos também á vista do Arco de Nabucodonozor onde antigamente dizem q̃ esteve aquella monstruosa Estátua, aqual he tão grande que podera por baixo della passar hũa Nao das nossas com gavea, e tudo»⁵⁰.

A memória vai direita ao Antigo Testamento, que na Mesopotâmia faz começar e acabar a história bíblica. Voa até além Tigre, às margens do Eufrates superior, perfumados da beleza e dos amores de Raquel, antes de a «serrana bela» descer com Jacob à Palestina (cf. Gén 29-30). Até embater, especada, com uma ruína que ainda atrai turistas: o «Arco de Nabucodonozor», muito provavelmente a monumental arcada de Ctesifon⁵¹. Só que «aquella monstruosa Estátua», que só existia como criação literária e, mesmo assim, em visão onírica (Dan 2), nunca pudera ornar tal vão. O grande Nabucodonosor tinha passado há séculos quando os reis sassânidos edificaram o seu palácio de Inverno em Ctesifon... Mas como fugir à

⁴⁷ fl. 6v [64].

⁴⁸ fl. 69 [152].

⁴⁹ fl. 100v [190].

⁵⁰ fl. 69 [152].

⁵¹ O arco é o que resta da sala de audiências do palácio do rei sassânida Shapur I (242-272 da nossa era); cf. H. W. JANSON, *História da Arte*. Panorama das artes plásticas e da arquitectura da pré-história à actualidade, trad., Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, p. 81. Com as impressionantes dimensões de 7,3 m de espessura na base, 36,7 m de altura e 25,3 m de vão, essa obra «equalled, if it did not surpass the

identificação sumária e atraente do «dizem», numa altura em que em Bagdad se via a antiga Babilónia, soterrada sob montões de areia que somavam até quinze e vinte metros de altura, a uma centena de quilómetros ao Sul, nas margens do outro rio (Eufrates)?! Mais científico teria sido o encolher de ombros do Hermes de Luciano a respeito da rival de Babilónia: «Meu bom barqueiro (Caronte), Nínive está destruída, a ponto de não sabermos dizer onde ela era ...»⁵². Babilónia era demasiado importante para morrer de todo, e vá de a identificar com Bagdad. Nabucodonosor, um dos maiores restauradores da velha cidade, quadrava à maravilha com aquele arco ... Faltavam quase exactamente três séculos para a ressurreição arqueológica de Babilónia. E, sem esses dezoito anos (1899-1917) de árduo trabalho da equipa e das centenas de trabalhadores de Robert Koldewey, como sonhar com os reais monumentos da real Babilónia: muralhas, palácios, Rua da Procissão, Porta de Ishtar, zigurate⁵³.

A zigurate ... essa famosa torre de Babel a esconjurar memórias e maldições de tempos primordiais, que curiosidade não esporeou na cabeça de Nicolau de Orta Rebelo! Lirismo de Raquel na fonte, megalomanias de Nabucodonosor, peripé-

mightiest structural achievements of Ancient Rome», nas palavras de B. FLETCHER'S, *A History of Architecture*, London, 1975¹⁸, p. 84.

⁵² *Caronte, ou os Inspectores*:

ΕΡΜΗΣ

‘Η Νίνοϛ μέν, ὧ πορθμεῦ, ἀπόλωλεν ἤδη καὶ οὐδὲ ἴχνοϛ ἐτι λοιπὸν αὐτῆϛ οὐδ’ ἂν εἰποιϛ ὅπου ποτὲ ἦν’

⁵³ Cf. C. W. CERAM, *Deuses, túmulos e sábios*. O romance da arqueologia, trad., Círculo de Leitores, pp. 200-210; K.-H. BERNHARDT, *Die Umwelt des Alten Testaments*, I. Die Quellen und ihre Erforschung, Gütersloh/Berlin, 1967, pp. 147-149 e gravuras 21 e 22: a Porta de Ishtar antes e depois das escavações; W. BRAY-D. TROMP, *The Penguin Dictionary of Archaeology*, Harmondsworth, 1970 (repr. 1973, 1975, 1977, 1978), p. 32.

cias de Daniel na cova dos leões ... tudo em breve se esfumou. Ficava apenas a imagem da torre, bem realçada até no espaço que toma ao turista improvisado:

«Neste mesmo dia passamos por hũa ruina de hum edificio velho, junto do qual estava hú Cramasera novo, com hũa povoaçãozinha cercada de um muro de taylor, e como a mim me parecia por confrontações, que não andava muito longe da terra de Babilonia, apertei as pernas do Cavallo, tomando hum galope, gritando pelo Lingoa, e nos fomos endireitando com o edificio, parecendo nos que era a Torre de Babilonia, e depois de o vermos, e notarmos nos fomos ao Cramasera e á povoação que acima digo, onde não achamos mais que hum Turco velho, que nos disse ser de oitenta annos de idade, e pedindo eu ao Lingoa, que se informasse delles, se era aquelle a Torre de Babilonia, nos respondeu que não, mas que era tambem hũa antigualha de Seu tempo, que os Santos Padres antigos tinham feito: perguntamos então, a que parte nos cahia a Torre de Babilonia, a que nos elle respondeu, que fossemos por hum caminho abaixo, que de fronte de nos estava, e que lá em baixo se repartia o caminho em dous, que tomassemos o da mão esquerda, que nos Levaria á Torre, que podia Ser dahi lá duas legoas; pedimos lhe, que nos desse hum moço, que nos fosse mostrar o caminho, que lhe pagariamos, respondeu nos, que todos andavão ao trabalho, e outros com o gado, e elle que estava ali So, e que era muyto velho, o qual estava em companhia de mui bem assombradas moças, as quaes mostravam folgar muito de nos ver: disse nos mais, que não tinhamos que ver na Torre, que estava toda cahida, e derrubada. Ao dia Seguinte ja junto do Rio Eufrates, me mostrou um camelleiro dono de nossos camellos hum monte alto, e me disse Babelquelsi, que assim lhe chamão a Torre de Babilonia os Turcos; não se desfez por mim a ida porq̃ tinha muito dezejos de a ver e estavamos muito perto della, e podiamos ir á noite, e vir outra vez tomar a Cafila, mas o lingoa me impossibilitou o caminho, dizendo me, que erão muitos os Ladroens, e nos, que eramos dous homens sos, e que nos podia succeder hum desastre donde nunca se soubesse de nos e juntamente podiamos ver de caminho Vssem, cidade aonde esta o corpo do maldito Alec Sobrinho de Mafamede, de cuja Romagem

vinha a gente que atras contei, mas enfim homem por aquelle caminho deixa de ver muytas couzas, por não se apartar da Companhia»⁵⁴.

Palpam-se os «muitos dezejos» de ver a torre de Babel. Desejos que aumentaram à vista da silhueta observada do caravanserá e das informações dadas pelo velho turco. Desejos baldados, apesar de todas as insistências: o turco não mandou o moço por guia, o intérprete desaconselhou a viagem nocturna. Só ficou a frustração: «enfim, homem por aquelle caminho deixa de ver muytas couzas, por não se apartar da Companhia».

Frustrado se sentiria de algum modo o investigador moderno, afeito aos conceitos e preconceitos da cientificidade, se o viajante seiscentista só procurasse ou notasse antiguidades bíblicas. Verdade seja que tais recordações deviam ser abundantes num país que fora berço dos mais remotos antepassados dos Hebreus (Gén 11,27-31; 12,1-4; 24,28-31), onde assentaram impérios que acabaram por anexar, subjugar e destruir os minúsculos reinos de Israel (2 Re 17,1-6) e de Judá (2 Re 25, 1-17), onde finalmente os desterrados de Judá carpiram mágoas e saudades de Sião (2 Re 25,18-21; cf. Jer 29; Sl 137).

III

Mas Orta Rebelo não se ficou pelas confrontações com o Antigo Testamento. Não se demora muito em ressonâncias vagas, fruto de especulações serôdias, como as de uma ruína dos arredores de Bagdad:

«Esta á vista desta Cidade hũa torre muy antiga, a que os Judeus chamam de Membrolh, filho, ou Neto, de Noe, a qual elle fundou naquelle tempo pouco mais, ou menos, que foi fundada a Babilonia ...»⁵⁵.

⁵⁴ fl. 79-80v [166].

⁵⁵ fl. 74 [158].

Quem será ese herói de antanho, filho ou neto de Noé (o viajante não está muito certo da genealogia)? Corrupção de Nemrod, como trás a versão francesa sinóptica da edição de J. Veríssimo Serrão? ⁵⁶. Tratar-se-ia neste caso do bisneto de Noé, na combinação final da Tábua das Nações (Gén 10), que não distingue Kush epónimo dos Cassitas — Kashshu dos textos cuneiformes — e pai de Nemrod (Gén 10,8 J) de Kush filho de Cam e epónimo dos Cuxitas ou Núbios (Gén 10,6 P) ⁵⁷. Não se vê é onde se apoiaram os Judeus para atribuírem ao patriarca a construção da torre. Como quer que seja, o viajante português não se demora em investigar genealogias ou suportes bíblicos. Descreve, sim, a «antigualha» com precisão digna de um arqueólogo moderno:

«he feita como parece de tijolos cozidos ao Sol, e por cima destes tijolos vai outra camada de vimes, ou vara do que quer q̄ he a assim uma cama de hũa couza, outra cama de outra liada de madeira, q̄ ainda no pedaço q̄ esta em pé, pode haver vistigios para muitos mil annos, conforme aos que ja tem durado; tera em redondo hum terço de meya Legoa» ⁵⁸.

Orta Rebelo parece descrever os restos ainda imponentes da zigurate de Aqarquf, 17 quilómetros a noroeste de Bagdad, obra do rei cassita Kurigalzu I (c. 1415-1390 a.C.). No «pedaço q̄ ainda esta em pé» assentariam não «muitos mil», mas uns bons três mil anos. A única dificuldade é a da localização: nove léguas a sul de Bagdad. Mas não se devem tomar as indicações topográficas muito à letra, aliás pouco congruentes com outra afirmação, que a torre estava «mais á vista desta Cidade» de Bagdad ⁵⁹.

⁵⁶ O. c., p. 159.

⁵⁷ Cf. E. A. SPEISER, *Genesis* (AB 1), Garden City, New York, 1964, pp. 71-72.

⁵⁸ fl. 74-74v [158].

⁵⁹ fl. 74 [158].

Já na Pérsia provará Orta Rebelo o seu interesse pelas antiguidades em si. Lembra as ruínas de Persépolis, ignoradas de Mestre Afonso e António Tenreiro, que não tinham andado longe, sobretudo o último. Falando de Xirás, onde se encontrava, não esquece a outra Xirás, mais antiga e quase ao lado:

«Esta cidade de Xiras, não he a antiga de que se dizia, que quando Xiras, era Xiras, era o Grão Cayro sua Aldea, por ser muy populoza, e grande, da qual não ha hoje mais do que os cornos ou vestigios, está nova doze leguas: dizem que desta Cidade foi fundador Cyro Rey da Persia. Outros dizem que ja muyto antes de Cyro era cidade opulenta, pela qual razão assentava nella Cyro sua corte, e habitação, donde ficou por cabeça do Reyno da Persia, e os que hião a Corte não dizião, Senão vou a Cyro, e dahy lhe ficou o nome, porque antes de Cyro se chamava Presopoli; e esta antiquidade alcancei de um Persiano velho»⁶⁰.

Em tão poucas palavras dificilmente se podia dar informação mais completa: que havia duas cidades de Xirás, a doze léguas uma da outra; que da velha não restavam «mais que os cornos ou vestigios», mas fora mais importante do que o Cairo e servira de capital a Ciro. Não se sabia ao certo a sua origem: fundada por Ciro ou apenas por este aproveitada para capital? Certo era que o nome antigo era Persépolis e que, feita «cabeça do Reyno da Persia», só se dizia «vou a Cyro», «e dahy lhe ficou o nome» de Xirás. Como historiador honesto, remete para a fonte — «hum Persiano velho». Aí está um apanhado da história de Persépolis e da etimologia de Xirás, a propósito de uma ruína próxima. Aceitando as doze léguas como medida correcta da distância entre as duas cidades (um mapa turístico do Irão dá 59 quilómetros), apenas suprimiríamos uma das alternativas para a origem da capital dos Aqueménidas: Persépolis não é anterior a Ciro. Registe-se a menção da antigualha pelo seu próprio valor histórico, sem alusão às conotações veterotestamentárias de Ciro, que não

⁶⁰ fl. 42 [118].

faltavam (por exemplo, 2 Crón 36,22; Esd 1,1-8; 6,3; Is 44,28; 45,1), mas talvez não fossem do conhecimento do viajante.

Do mesmo modo, têm valor em si e são dignos de registo «os muitos edificios velhos, e antigos» dos vales do Tigre e do Eufrates:

«ha por estes campos de Masepotamia muitos edificios velhos, e antigos, donde ordinariamt.^e tirão tijolo para fabricar obras na cidade, e São tantos, q̃ onde quer q̃ cavam pelo campo achão em tanta quantidade, que escuza ja agora haver fornos para os fazer, como em effeito eu nunca pude ver nenhum» ⁶¹.

Não admira que a curiosidade de Nicolau de Orta Rebelo se estenda à antiguidade clássica. Assim a propósito do topónimo Alexandreta:

«tomou este porto de Alexandreta o nome de Alexandre, que nelle edificou, hũa Soberba Cidade, q̃ hum grande temporal dizem, q̃ a Soverteu, mas ainda hoje se vem muytos vestigios» ⁶².

Construções das redondezas evocam a memória do grande conquistador:

«Por esta Serra vai hum caminho, feyto com muita industria, e trabalho de homens, por onde pode caminhar um carro Livrementem, com muros de pedra, e cal muyto fortes entulhados, nas partes necessarias [...], dizem, que foi feito por Alexandre; quando por alli passou abrio as Conquistas da Persia [...]» ⁶³.

Subindo o Eufrates, achara memória dos Romanos:

«antes desta Aldea (Teibe) meya legoa esta huma cidade quebrada; cujos muros ainda hoje estão em pé muyto fermozos, e feitos de pedra marmore; junto a ella esta hũa Fortaleza tambem de marmore em partes derrubada, e dizem, que foi aquilo antigamente de christãos. Dentro nesta Aldea

⁶¹ fl. 74v [158].

⁶² fl. 116 [206-208].

⁶³ fl. 115 [206].

de Teibe, esta hũa Torre quebrada a maneira das nossas dos Sinos, mas mui alta, e mui Antiga, toda de marmore, a qual Serve de Alcorão de Mouros, enella esta hum letreiro aberto em huma pedra, cujas palavras traduzidas em nosso Portuguez querem dizer: grande couza he contar as estrellas, e mayor he saber a significação dellas. Adriano Emperador caminhando por aqui, com humildade mandou edificar esta Torre, depois de ter feito Sete Cidades: quando ella cahir, irá grande mal ao mundo. Das letras que na torre estavam he esta a declaração dellas não Sei Se esta conforme o que ellas declarão, pois quem nolas interpretou, podia acrescentar ou diminuir, por onde me não meto em querer apurar mais isto»⁶⁴.

Admirável curiosidade e honestidade: uma cidade arruinada, com os muros parcialmente em pé, fora da aldeia; dentro da povoação, uma torre alta e antiga dotada de inscrição. Num e noutro caso, tem de recorrer ao testemunho alheio. A «cidade quebrada» dizem que «foi ... antigamente de christãos». Da inscrição da torre (a ser autêntica, em latim?) dá-se a versão portuguesa, sem garantia — «quem nolas interpretou, podia acrescentar, ou diminuir ...».

Quanto mais se aproximava do Mediterrâneo, mais abundantes eram as ruínas de monumentos cristãos:

«estando á vista da Cidade de Antioquia, que os Turcos me mostravão com o dedo, dizendo me aquillo foram obras de christãos antigamente; há por estes campos ainda alguns Adros grandes, e com cabeceiras Levantadas, e com cruces esculpidas na mesma pedra, indicios claros do que devia Ser aquillo noutro tempo»⁶⁵.

Mais impressionante era ainda um conjunto monumental avistado pelo viajante entre Alepo e Alexandreta:

«Vi mais antes de chegar, a estes campos, em hũa Serra alta um Sumptuozo edificio arruinado do tempo, onde estava

⁶⁴ fl. 95v-96 [184].

⁶⁵ fl. 113v [204].

hũa grande, e fermoza Igreja, fechada ainda com fermozos arcos, com muytas columnas, e Lavoros fermozos, e tres coros muyto grandes, e espaçozos, e nas paredes, que eram de marmore, todas esculpidas muytas Cruzes, a modo de comendas ou habitos de Christo» ⁶⁶

Eram provavelmente as ruínas de Kal'at Sime'an, ainda hoje espectaculares para turistas e objecto de estudo para historiadores da arte ⁶⁷.

Proliferavam ruínas do género:

«abaixo desta em hũa planura está outra Ruina, que mostrão Ser Paços Reaes, mostrando nas Columnas dos Portaes fermozos Lavoros muyto curiozos, e dizem que forão estes Paços de (Du) Rey de Constantinopla christão, e que aquelle Mosteiro, que tinha mais de tres mil Monges da Ordem de S. Bazilio: foi isto destruido pelos proprios Turcos da Caza Otomana» ⁶⁸.

IV

Do período áureo das civilizações pré-clássicas Nicolau de Orta Rebelo não viu nem ouviu muito: Persépolis evocada em Xirás pelo «Persiano velho», a zigurate dos arredores de Bagdad (Aqarquf?), muitos tijolos espalhados pelos campos da Mesopotâmia. Com tais pressupostos culturais e em tempo tão escasso, não sei mesmo se era possível captar muito mais. O viajante luso arrimava-se ao único suporte literário disponível — o Antigo Testamento. Era ele que orientava a indagação e fornecia os rótulos a muitas das ruínas preservadas

⁶⁶ fl. 113v-114 [204-206].

⁶⁷ Este conjunto arquitectónico bizantino, «le plus beau des sanctuaires syriens» (E. MÂLE, *Histoire universelle de l'art*, Paris, 1950, p. 265), foi revelado aos europeus pelo marquês de VOGÜÉ, *La Syrie centrale. Archéologie civile et religieuse*, 2 vols., 1865/1877; cf. J. PIJOAN, *História da Arte*, trad., Alfa, III, Lisboa, 1972, pp. 54-55.

⁶⁸ fl. 114-114v [206].

(cova dos leões e arco de Nabucodonosor em Bagdad, esconderijo de Zacarias em Alepo). Recurso modestíssimo, à luz das fontes desenterradas ao longo do último século e meio. Mas, nos princípios do século XVII, não havia outro que se lhe comparasse em antiguidade e acessibilidade. Orta Rebelo tem o mérito de temperar as informações que recebia com um «dizem». Os Judeus é que «chamão de Membrolh» (Nemrod) à torre antiga dos arredores de Bagdad. A identificação, largamente aceite, desta cidade com a antiga Babilónia tinha de ser bem precisada. Da «velha e nomeada Babilonia ... não ha hoje memoria, que alguns Alicerces, e tijolos espalhados pelo Campo ...»⁶⁹.

Independentemente do Antigo Testamento, quantas observações exactas, da realidade geográfica e social (deserto da Arábia, vida seminomádica dos beduínos) ao reemprego dos tijolos seculares⁷⁰. Tivesse o primeiro «arqueólogo» moderno de terras mesopotâmicas conhecido esta informação e não teria arregalado os olhos, de céptico, ante a revelação do campónio de Khorsabad, nos primeiros meses de 1843. Pierre-Émile Botta queria tijolos com inscrições? Viesse então à terra daquele árabe e lá os tinha em abundância. Este mesmo aproveitara muitos para construir o seu forno de tintureiro⁷¹.

A mais de duzentos anos de distância, continuava a ser verdadeira a observância de Nicolau de Orta Rebelo: fornos de tijolo eram largamente escusados.

⁶⁹ fl. 78v [164].

⁷⁰ Cf. *supra* n. 61.

⁷¹ Cf. A. TERRY WHITE, *Les grandes découvertes de l'archéologie*, trad., Verviers, 1962, p. 95.